

COISAS
DA

VIDA

+ GUIA DE SEGUNDA

GRITA GERAL

EVITE PROBLEMAS COM A CARROCHINHA, NÃO
 DEIXE SEU CÃO PASSEAR SOZINHO PELA RUA
 PÁGINA 3

O COLÉGIO É LOGO ALI

ESCOLAS DE BAIRRO, COMUNS NO DISTRITO FEDERAL, PROPICIAM MAIOR INTERATIVIDADE ENTRE CRIANÇAS, FAMÍLIA E COMUNIDADE, ALÉM DE PROMOVER ATIVIDADE SOCIAIS

Noéli Nobre
 Da equipe do Correio

Escola de bairro é assim: uma instituição que nasce para atender às necessidades de uma comunidade relativamente isolada, afastada do centro da cidade. No Distrito Federal, elas são comuns. Não há um número contabilizado de quantas são, mas não é difícil encontrá-las. Pode ser pertinho de sua casa, no Lago Norte, no Cruzeiro, no Guarú ou até mesmo dentro do seu condomínio. Podem ser grandes ou pequenas, isso não importa. O que as caracteriza é a integração com a comunidade. Essas escolas, muitas vezes, tornam-se o centro de referência de um bairro, da mesma forma que a igreja ou o clube.

Exemplo: o Centro Educacional Horacina Catta Preta — o Cecap — está *incrustado* no Lago Norte. Há 25 anos, o colégio e, mais recentemente, faculdade comanda a integração dos moradores da península. Todos os anos, 680 alunos (quase todos moradores da região administrativa), seus respectivos pais e os interessados de plantão participam de passeios ciclísticos organizados juntos à administração, feiras culturais e festas juninas. Além disso, a escola cede seu espaço para reuniões de moradores, fóruns sociais ou para a prática de esportes.

A alguns quilômetros dali, o Centro de Educação Natural e Integral — Ceni — conduz à vida do condomínio Mansões Entre Lagos (região administrativa de Sobradinho), onde está localizada. "A escola foi criada em 1996, antes mesmo do condomínio, que só surgiu por causa do colégio", explica Clemes Menegassi, diretora pedagógica do Ceni.

Até setembrinho, Clemes pretende transformar a escola no centro cultural do Mansões Entre Lagos. "Queremos que outras crianças e também os adultos usem o nosso espaço. A escola é a fomentadora cultural da comunidade onde está inserida. Por isso, todos os nossos trabalhos viram movimentos sociais", acrescenta a diretora.

Há duas semanas, por exemplo, os 70 alunos da instituição deram início ao projeto *Escola na Rua*. Percorreram as vias ainda sem asfalto do condomínio e bateram às portas dos moradores. Distribuíram mudas de plantas para a arborização do lugar e arrecadaram alimentos, que

doaram à creche e escola Tia Angelina, no Varjão.

"Se você quer mudar o mundo, primeiro tem de cuidar de você, da sua família, da sua escola e da sua comunidade. Depois, você pensa no que está mais distante", diz Luana Pinheiro, sete anos, 2ª série, moradora do Mansões Entre Lagos. Ela faz parte do Clube da Boa Ação, criado pelos próprios alunos, e foi uma dos quatro representantes da escola a visitar a creche do Varjão na última quinta-feira.

Estudar em uma escola de bairro é interessante para os alunos e para os pais. Primeiro os alunos: "Moro perto da escola e dos amiguinhos", justifica Paulo Henrique Pereira, sete anos, 2ª série. Ele é colega de sala da menina Luana e também foi ao Varjão.

Na opinião dos donos das instituições em questão, o fato de morar perto da escola diminui o estresse infantil, além de facilitar o surgimento de amizades. "Nós vivemos a vida da família. Sabemos tudo o que acontece com o aluno. Sabemos onde ele mora e quem são seus pais. Por isso, é mais

fácil trabalhar valores com as crianças", diz Guta Rufato, diretora pedagógica do Cecap. "Mas é preciso ser profissional, senão a escola vira quintal", completa.

Tudo bem, escola não é varanda de bate-papo, mas conhecer o professor é fundamental. "A gente cria um laço de confiança no diretor e nos professores. Isso é importante. A escola de bairro, além de ser perto de casa, nos permite cuidar melhor dos filhos", diz o servidor público Manuel Ricardo Simão, 42 anos. Ele tem um filho de seis anos matriculado na pequena Barquinho Amarelo, escola de ensino infantil, no Cruzeiro Velho, onde mora. Os filhos mais velhos, de 19 e 14 anos, também passaram pela escola que existe há 20 anos e tem 160 alunos moradores do Cruzeiro Velho e do Novo, do Sudoeste e da Octogonal.

Luíza Nascimento, a diretora do Barquinho Amarelo também abre sua escola para a comunidade. As festas juninas são feitas na rua, e todos os moradores da redondeza (ou não) estão convidados a participar. E as pessoas vão mesmo, tanto que, neste ano, Luíza pensa em comemorar as datas no salão da Aruc, sem dúvida o maior símbolo do Cruzeiro Velho.

ESCOLA DE BAIRRO DEVE SER PÚBLICA

Na opinião de Izalci Lucas Ferreira, presidente da Associação Brasileira pela Educação de Qualidade (Abeduq), escola de bairro é uma instituição que não existe. Escola de bairro, para Izalci, é sinônimo de escola comunitária: "Ela tem de ser o centro de qualquer comunidade. As questões passam a ser decididas pelos representantes dos professores e das famílias, reunidos em um conselho diretor". Essa instituição, originária da escola pública, teria autonomia. O que Izalci propõe é a implantação do Cheque-Educação, que seria entregue às famílias para investir nas escolas. No valor que o governo gasta mensalmente com cada aluno, seria nominal à escola e à criança para evitar desvio de verba. "Só assim, os pais se sentiriam responsáveis pela educação dos filhos", afirma o presidente da Abeduq. Izalci pretende que sua proposta vire emenda popular à legislação do Distrito Federal. Coletou, até agora, 85 mil assinaturas para atingir seu objetivo. Quando completar 300 mil, irá à Câmara Legislativa.

Carlos Moura



ALUNOS DO COLÉGIO CENI, PRÓXIMO A SOBRADINHO, VISITAM A CRECHE TIA ANGELINA, NO VARJÃO. MORADORES DO CONDOMÍNIO MANSÕES ENTRE LAGOS DOARAM OS ALIMENTOS